



# DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JUNHO 2026

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior baiano – Junho 2026, 3

### Importações, 7

#### Apêndice A – Junho 2026

|                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------|
| Tabela I – Balança comercial – Brasil                                   |
| Tabela II – Balança comercial – Bahia                                   |
| Tabela III – Balança – Brasil X Bahia                                   |
| Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados                |
| Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados               |
| Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios                 |
| Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos                 |
| Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos                 |
| Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos |
| Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados                 |
| Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados              |
| Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios                |
| Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso                   |
| Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos                  |
| Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos |

#### Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Junho 2026

|                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------|
| Tabela I – Balança comercial – Brasil                                        |
| Tabela II – Balança comercial – Bahia                                        |
| Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados                    |
| Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados                   |
| Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios                       |
| Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos                       |
| Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos                       |
| Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos    |
| Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados  |
| Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados                      |
| Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados                   |
| Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios                     |
| Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso                        |
| Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos                       |
| Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos      |
| Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados |



Estado da Bahia  
Secretaria do Planejamento

#### Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

#### Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

#### Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

#### Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

#### Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Urandi Roberto Paiva Freitas

#### Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Flávio de Jesus Sales

Felipe Soares Sepúlveda (estagiário)

#### Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

#### Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

#### Coordenação de Produção Editorial

##### Editoria de Arte

##### Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

#### Revisão Ortográfica

2Designers

#### Editoração

Perivaldo Barreto Pereira



As exportações baianas atingiram US\$ 984,7 milhões<sup>1</sup> no mês de junho, com aumento de 6,6%, impulsionadas pela valorização dos preços médios de seus produtos (a maioria *commodities*) em média de 25,6%, todos comparados a igual mês do ano anterior. O volume embarcado, entretanto, recuou 15,1%, indicando que os preços influenciaram muito no aumento das receitas.

No primeiro semestre, as exportações baianas cresceram 7,0% no comparativo interanual, atingindo US\$ 5,95 bilhões, também impulsionadas pelo fator preço (alta de 10%), já que os embarques físicos (*quantum*) recuaram 2,7% no período. As informações foram analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada à Secretaria de Planejamento (Seplan), a partir da base de dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

Nos seis primeiros meses do ano houve alta nas receitas de todos os setores, com destaque para a indústria extrativa, com aumento de 34,7%, puxado por alta de 54,0% nas vendas de ouro, cujo preço médio teve valorização de 51,5% no comparativo interanual, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais. Também tiveram aumento as vendas do setor agropecuário em 9,0% (soja e algodão) e na indústria de transformação em 3,5% (químicos e produtos metalúrgicos).

A redução do volume embarcado no semestre chegou a 2,7%, puxado pelo refino e pela celulose. Em relação ao refino, a queda foi reflexo de paradas para manutenção e da taxa de exportações de petróleo e derivados em 12%, implementada pelo governo em março, para estimular a permanência do produto no mercado interno em meio ao conflito militar no Oriente Médio. O preço médio do segmento de petróleo e derivados, na comparação interanual, cresceu 15,2%. A despeito da valorização do petróleo no mercado internacional, prevaleceu a redução na produção, que teve queda nos embarques em 13,5%, o que influenciou muito a receita, que teve leve recuo de 0,3%. Também houve redução, em menor magnitude, nos embarques de celulose (-8,2%), que tem apresentado um desempenho operacional abaixo do ano passado e com os resultados financeiros pressionados pela valorização

do real frente ao dólar (queda de 7,9% nas receitas). É esperado que os volumes de vendas voltem a ficar estáveis no curto prazo, com crescimento mais acentuado previsto apenas para o segundo semestre de 2026, período sazonalmente mais forte.

As exportações baianas para a China, o principal destino dos produtos baianos, subiram 25,4% no semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, as vendas totais para a Ásia caíram 4,5%, resultado de menores vendas para Singapura, Vietnã, Paquistão, Indonésia e Japão.

Já para os Estados Unidos, as exportações permaneceram no vermelho, com queda de 15,2% no semestre perante o mesmo período de 2025, refletindo a expectativa da volta das tarifas de 25% para alguns segmentos, desta vez por alegadas práticas comerciais “desleais” em vez de objeções políticas. O setor na Bahia mais afetado seria o de pneumáticos, que tem maior valor agregado. Outros segmentos impactados seriam os de plásticos, alguns produtos químicos, papel, calçados, ferro ligas, sisal e pescado. São as áreas mais expostas, se a proposta for convertida em tarifas efetivas ao final do processo investigativo.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia  
Jan./jun. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

| Discriminação        | 2025       | 2026       | Var. % |
|----------------------|------------|------------|--------|
| Exportações          | 5.562.292  | 5.953.004  | 7,02   |
| Importações          | 4.533.819  | 5.751.445  | 26,86  |
| Saldo                | 1.028.473  | 201.559    | -80,40 |
| Corrente de comércio | 10.096.111 | 11.704.449 | 15,93  |

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/07/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia  
Obs.: Dados preliminares.

Apesar dos sucessivos choques, a economia global mostrou uma notável resistência, com o impulso dos investimentos em tecnologia (inteligência artificial) contrabalançando o freio da tensão geopolítica, assim avaliou o Fundo Monetário Internacional (FMI), que fez um leve corte nas previsões para o crescimento global, em 2026, mas elevou as estimativas para o próximo ano. No relatório World Economic Outlook (Panorama Econômico Mundial), divulgado em 09/07, o FMI agora estima uma expansão de 3,0% do PIB mundial neste ano e de 3,4% em 2027, não muito diferente das projeções de abril, de 3,1% e de 3,2%, respectivamente.

1 Dados preliminares sujeito a retificação.

O ajuste para baixo, ainda que modesto, reflete o efeito da guerra no Oriente Médio, mas é parcialmente compensado pela acelerada demanda dinamizada pelo ciclo de tecnologia, em razão dos avanços da inteligência artificial (IA), bem como de sua adoção. Para o FMI, até o momento, a economia global tem suportado bem os efeitos do conflito.

O FMI aponta que a economia global se debate entre duas forças, a do choque de energia e a do choque de tecnologia, que “empurram em direções contrárias, mas com efeitos assimétricos sobre os países”. Além da continuidade da guerra, outro risco de peso é a reversão do ciclo de investimentos e valorização de ações da IA. Ela provocaria uma forte reação em cadeia nos preços dos ativos, eliminaria o efeito riqueza atual e teria efeito contracionista sobre as economias, com possíveis impactos sobre o sistema financeiro e os títulos soberanos de países em geral, hoje muito mais endividados que na crise financeira de 2008.

A instituição aponta também que exportadores de petróleo que estão fora da zona de conflito (como o Brasil) têm sido favorecidos pela melhora dos termos de troca. Nesse contexto, o FMI fez uma revisão para cima das previsões de crescimento do Brasil em 2026. A entidade agora estima que o PIB brasileiro crescerá 2,4% neste ano – uma alta de 0,5 ponto percentual em relação às previsões divulgadas em abril.

Na avaliação do FMI, o balanço de riscos para as perspectivas econômicas está mais equilibrado do que em abril, mas ainda inclinado para baixo. O novo relatório cita a possibilidade de retomada do conflito no Oriente Médio, que poderia estender a volatilidade nos preços das *commodities* energéticas, aprofundando riscos para a oferta e as cadeias de suprimento, elevando preços como um todo e afetando também as condições financeiras. Outro fator apontado pelo relatório é a possibilidade de uma correção quanto às expectativas para o setor de tecnologia. As economias associadas às inovações em tecnologia estão experimentando um ritmo aquecido, ainda que sejam importadoras líquidas de petróleo – o que contrasta com o que se vê em países importadores da *commodity* e que não possuem participação significativa na cadeia de valor da tecnologia.

No sentido oposto, um cenário mais otimista está relacionado a uma normalização maior do que se antecipa para os mercados de energia, bem como de

investimentos ainda mais fortes no segmento de tecnologia e a retomada de intercâmbio mais duradouro, resultante de eventual redução de barreiras comerciais.

As previsões foram feitas antes das mais recentes trocas de ataques entre Irã e Estados Unidos, que fizeram o presidente americano, Donald Trump, dizer que o acordo de cessar fogo com o Irã havia terminado, o que deve lançar novas incertezas sobre as perspectivas econômicas mundiais no curto prazo. A nova ameaça de Trump fez o barril do petróleo Brent saltar 8,5%, subindo brevemente acima de US\$ 80 por barril em 08/07, mas logo retornando para abaixo de US\$ 80, mantendo um padrão de reação limitada. Mesmo no auge do conflito, o petróleo chegou a US\$ 126 o barril, bem distante das projeções mais pessimistas de US\$ 200 ou mais.

No mesmo dia da divulgação das novas projeções do FMI, o MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços) projetou, nesta sexta-feira (3), que o Brasil fechará 2026 com um superávit comercial de US\$ 90 bilhões (R\$ 465,2 bi), bem acima do saldo de US\$ 72,1 bilhões estimado em abril, prevendo um desempenho mais forte das exportações.

Se a projeção se confirmar, será o segundo maior saldo da série histórica, abaixo apenas de 2023, e ficará 32,3% acima do registrado em 2025, quando o país teve um saldo positivo de US\$ 68,1 bilhões (R\$ 352 bi).

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foi observada uma aceleração dos fluxos, tanto de exportação quanto de importação, que ajudaram a elevar esse valor previsto.

A nova estimativa aponta para exportações de US\$ 394,4 bilhões neste ano, US\$ 30,2 bilhões acima da previsão feita em abril. Para as importações, o MDIC espera um valor de US\$ 304,4 bilhões, uma elevação de US\$ 12,3 bilhões em relação à previsão anterior.

Para a Bahia, embora o cenário internacional ainda apresente incertezas, o que pode manter os embarques físicos aquém do registrado no ano passado, as previsões são de exportações no mesmo patamar de 2025 (em torno dos US\$12 bilhões), levando em conta o aumento dos preços médios dos produtos exportados no semestre e a perspectiva de crescimento da safra agrícola em contraponto aos choques externos.

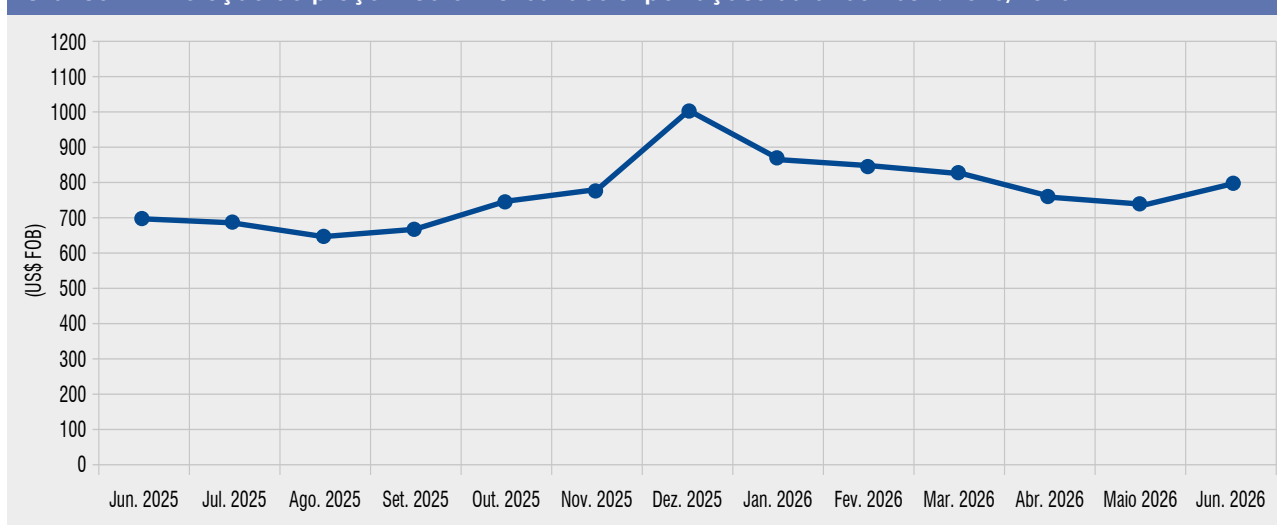


O aumento das importações no semestre, acima do registrado no ano passado, deve levar a desembolsos acima do registrado em 2025, girando em torno dos US\$ 10,5 bilhões, afetadas pelo nível da atividade econômica, da renovação dos incentivos da cota de importação sem impostos de veículos elétricos semi-montados e desmontados por mais seis meses a partir de julho, além da resiliência dos preços internacionais. Uma eventual permanência de choques de preços de produtos por conta da guerra no Irã pode levar a novas projeções para a balança.

A continuidade da guerra no Oriente Médio pode trazer consequências, como o aumento dos preços do petróleo, dos fertilizantes e do frete marítimo.

A taxa de câmbio tem sofrido os efeitos de diversas forças, como o valor internacional do dólar, a alta das *commodities* e as políticas monetárias do Brasil e dos Estados Unidos. A resultante desses fatores é que o real continua em sua trajetória de valorização que vem caracterizando o ano: o real registrou uma valorização acumulada de 5,72% em relação ao dólar no primeiro

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Jun. 2025/2026



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 18 maio 2026.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em junho oscilaram positivamente em relação a maio, com aumento de 8,5%, também ficando acima dos preços médios de junho de 2026, quando comparados aos preços médios do mesmo mês de 2025, em 14,8%.

Os preços das *commodities* energéticas vinham em trajetória de queda no Brasil, antes de o presidente dos Estados Unidos realizar novos bombardeios ao Irã em julho. As matérias-primas desse segmento, como o petróleo tipo Brent, o gás natural e o carvão, tiveram queda de 9,76% em reais em junho, ante maio, segundo dados do Banco Central (BC).

A queda dos preços das *commodities* energéticas contribuiu para a redução do Índice de *Commodities* Brasil (IC-Br), que mede preços de itens agrícolas, metálicos e energéticos convertidos para reais. Especialistas afirmam que a queda deve ser passageira depois da intensificação dos riscos geopolíticos.

semestre de 2026. A moeda americana encerrou junho cotada a R\$ 5,1485, uma queda em relação aos R\$ 5,4887 registrados no final de 2025.

A safra recorde colhida de soja, em torno de 9 milhões de toneladas, e a maior produtividade (4.100 kg/ha, um crescimento de 2,1% sobre o ano anterior) impulsionaram o desempenho das vendas externas do setor, que fechou o semestre na liderança da pauta, com um aumento de 11,7% nos embarques e de 17,8% nas receitas, resultado da valorização dos preços internacionais, que foi determinante para manter o faturamento positivo. Na Bahia, o aumento de preços médios atingiu 5,5% no comparativo com o primeiro semestre de 2025. O efeito do El Niño poderá gerar alguma quebra de safra, mas as perdas, pelo menos parcialmente, podem ser compensadas pelo aumento dos preços.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./jun. 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

| Segmentos                                             | Peso (ton)       |                  | Var. %       | Valores (US\$ 1000 FOB) |                  | Var. %      | Part. %       | Var. % Preço médio |
|-------------------------------------------------------|------------------|------------------|--------------|-------------------------|------------------|-------------|---------------|--------------------|
|                                                       | 2025             | 2026             |              | 2025                    | 2026             |             |               |                    |
| Soja e Derivados                                      | 2.915.467        | 3.256.979        | 11,71        | 1.111.732               | 1.309.972        | 17,83       | 22,01         | 5,48               |
| Petróleo e Derivados                                  | 2.104.312        | 1.821.088        | -13,46       | 1.077.009               | 1.073.493        | -0,33       | 18,03         | 15,18              |
| Metais Preciosos                                      | 326              | 468              | 43,81        | 461.121                 | 699.339          | 51,66       | 11,75         | 5,46               |
| Papel e Celulose                                      | 1.566.113        | 1.437.512        | -8,21        | 694.341                 | 639.540          | -7,89       | 10,74         | 0,35               |
| Algodão e Seus Subprodutos                            | 248.816          | 304.146          | 22,24        | 398.676                 | 460.924          | 15,61       | 7,74          | -5,42              |
| Minerais                                              | 462.833          | 305.757          | -33,94       | 306.420                 | 412.593          | 34,65       | 6,93          | 103,82             |
| Químicos e Petroquímicos                              | 275.989          | 303.281          | 9,89         | 346.694                 | 403.907          | 16,50       | 6,78          | 6,02               |
| Café e especiarias                                    | 52.251           | 38.208           | -26,88       | 318.330                 | 205.311          | -35,50      | 3,45          | -11,80             |
| Cacau e Derivados                                     | 26.285           | 23.063           | -12,26       | 304.133                 | 186.180          | -38,78      | 3,13          | -30,23             |
| Metalúrgicos                                          | 90.372           | 95.402           | 5,57         | 114.324                 | 143.033          | 25,11       | 2,40          | 18,51              |
| Frutas e Suas Preparações                             | 72.620           | 78.457           | 8,04         | 87.467                  | 94.199           | 7,70        | 1,58          | -0,31              |
| Borracha e Suas Obras                                 | 16.201           | 15.384           | -5,04        | 90.900                  | 87.057           | -4,23       | 1,46          | 0,86               |
| Sisal e Derivados                                     | 35.691           | 32.222           | -9,72        | 48.340                  | 46.854           | -3,07       | 0,79          | 7,36               |
| Calçados e Suas Partes                                | 1.270            | 934              | -26,46       | 40.752                  | 29.484           | -27,65      | 0,50          | -1,62              |
| Couros e Peles                                        | 14.966           | 19.007           | 27,00        | 25.445                  | 27.229           | 7,01        | 0,46          | -15,74             |
| Carne e Miudezas Comestíveis                          | 4.580            | 5.708            | 24,62        | 18.751                  | 25.497           | 35,98       | 0,43          | 9,11               |
| Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e elétricos | 858              | 1.670            | 94,76        | 14.299                  | 20.498           | 43,35       | 0,34          | -26,40             |
| Fumo e Derivados                                      | 527              | 718              | 36,10        | 16.952                  | 17.878           | 5,46        | 0,30          | -22,51             |
| Milho e Derivados                                     | 92.761           | 1.736            | -98,13       | 19.840                  | 378              | -98,09      | 0,01          | 1,93               |
| Demais Segmentos                                      | 60.453           | 85.382           | 41,24        | 66.767                  | 69.637           | 4,30        | 1,17          | -26,15             |
| <b>Total</b>                                          | <b>8.042.690</b> | <b>7.827.124</b> | <b>-2,68</b> | <b>5.562.292</b>        | <b>5.953.004</b> | <b>7,02</b> | <b>100,00</b> | <b>9,97</b>        |

Fonte: MDIC/SECEx, dados coletados em 06/07/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
 Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

O setor de petróleo e derivados ocupa a segunda posição na pauta no semestre, com vendas de US\$ 1,07 bilhão, ainda 0,3% abaixo de igual período do ano anterior, apesar dos preços terem melhorado – no rastro do aumento do petróleo no mercado internacional devido a guerra no Oriente Médio. Os preços médios no comparativo interanual acusam crescimento de 15,2%, mas seguem no vermelho no volume de embarques (-13,5%), motivado tanto por paradas para manutenção na Refinaria de Mataripe, ao longo do primeiro semestre, como pela imposição do imposto de exportação nas vendas de petróleo e derivados, implementado pelo governo em março, para proteger o mercado interno diante da crise global do produto após a guerra no Irã.

Até o início de julho, a expectativa era de uma redução gradual do tributo, conforme sinalizado pela equipe econômica. Naquele momento, porém, o panorama internacional era mais favorável, já que os Estados Unidos e o Irã haviam anunciado um acordo para interromper os ataques no Oriente Médio e retomar as negociações sobre o Estreito de Ormuz.

Diante da mudança recente das condições externas, especialmente após a deterioração do ambiente

geopolítico no Oriente Médio, com novos episódios de tensão no Estreito de Ormuz, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) decidiu, em 09/07, manter por mais 60 dias a alíquota de 12% do imposto de exportação incidente sobre o petróleo bruto. A medida será reavaliada em 30 dias.

As exportações de metais preciosos segue em alta, ocupando a terceira posição na pauta, puxada pelo desempenho das vendas de ouro que atingiram US\$ 685,6 milhões, ou 98% do total das exportações do segmento. O preço médio do ouro teve valorização no semestre de 51,5% no comparativo interanual, impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais.

A aceleração dos preços do segmento, nessa intensidade, como foi o caso do preço das *commodities* metálicas, não acontece sem uma razão estrutural. Esse movimento é influenciado pela transição energética global, pela demanda chinesa por insumos industriais e pelo conflito no Oriente Médio, que criou rupturas de cadeias. Também é possível um aumento de preços provocado pela demanda vinda de inteligência artificial (IA).



O setor de papel e celulose acumulou vendas de US\$ 639,5 milhões, 7,9% inferior ao mesmo período de 2025, influenciado pela redução no volume embarcado em 8,2% nos embarques e preços estáveis, com leve melhora de 0,35% no comparativo interanual. A necessidade de recomposição de estoques na cadeia, aliada a uma produção mais fraca por conta das paradas de manutenção, fez com que os embarques no semestre fossem menores. É esperado que os volumes de vendas voltem a ficar estáveis no curto prazo, o que já ocorreu em junho, com crescimento mais acentuado previsto apenas para o segundo semestre de 2026, período sazonalmente mais forte.

O algodão e seus subprodutos fecharam o semestre com vendas 15,6% superiores no comparativo interanual, a US\$ 460,9 milhões. O volume embarcado ficou 22,2% acima de igual período de 2025, embora os preços tenham ficado 5,4% inferiores no mesmo comparativo. O apetite chinês dá sinais de recuperação. No primeiro semestre de 2026, a Bahia exportou 298,7 mil toneladas de algodão, sendo 25% para a China, o que representa 75,1 mil toneladas, ou o equivalente a um aumento de 245%, mostrando que a tendência é de recuperação.

O setor químico/petroquímico registrou vendas de US\$ 403,9 milhões no semestre, com um acréscimo de 16,5% no comparativo interanual, embalado tanto por uma demanda maior, em 9,9%, como por preços mais elevados em 6%, na esteira da valorização do petróleo no mercado internacional. Butadieno, pentóxido de vanádio e amoníaco anidro foram os produtos que tiveram os maiores incrementos.

Sem o fim dos conflitos no Oriente Médio, os preços que haviam caído, por causa do excesso de oferta global e da competição com os produtos chineses, devem permanecer nos atuais patamares. No Brasil, a indústria química e petroquímica fez avanços importantes para tentar reduzir a distância de competitividade entre produto nacional e importado, em particular da China e dos Estados Unidos. Via Câmara de Comércio Exterior (Camex), o governo federal elevou temporariamente a alíquota de importação para 37 tipos de produtos, com a inclusão dessas NCMs (Nomenclatura Comum do Mercosul) na Lista de Desequilíbrios Comerciais Conjunturais (DCC), e garantiu a aprovação dos programas de incentivo Reiq (Investimentos e Presiq (Programa Especial de Sustentabilidade da Indústria Química). Para a indústria, contudo, as medidas não

são suficientes e o setor espera a regulamentação do Presiq. Caso o Presiq não avance, há risco de o coração da indústria química paralisar. Embora toda a cadeia de valor venha sendo afetada pela estrutura de custos e pelo desequilíbrio entre oferta e demanda nos últimos anos.

## IMPORTAÇÕES

Do lado das importações, o crescimento também reflete maior atividade econômica. As importações cresceram no semestre quase quatro vezes mais que as exportações, atingindo US\$ 5,75 bilhões, ou 26,9% acima de igual período de 2025. Muito desse aumento foi puxado pelo aumento nas compras de bens de consumo em 1.479%, impulsionado pelo forte impacto do desembarque mais acelerado dos veículos eletrificados chineses.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan./jun. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

| Discriminação                        | 2025             | 2026             | Var. %       | Part. %       |
|--------------------------------------|------------------|------------------|--------------|---------------|
| Bens Intermediários (BI)             | 2.966.004        | 2.667.900        | -10,05       | 46,39         |
| Bens de Consumo (BC)                 | 86.149           | 1.360.385        | -            | 23,65         |
| Combustíveis e Lubrificantes         | 1.062.530        | 1.212.362        | 14,10        | 21,08         |
| Bens de Capital (BK)                 | 415.145          | 509.545          | 22,74        | 8,86          |
| Bens Não Especificados Anteriormente | 3.991            | 1.252            | -68,63       | 0,02          |
| <b>Total</b>                         | <b>4.533.819</b> | <b>5.751.445</b> | <b>26,86</b> | <b>100,00</b> |

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/07/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: Dados preliminares.

Mas também houve ainda crescimento de 22,7% de bens de capital (máquinas e equipamentos), o que pode ser traduzido em maior investimento tanto público (infraestrutura) como privado (instalação de novos empreendimentos e/ou aumento e modernização de capacidade). Também cresceram as compras de combustíveis em 14,1%. Os bens intermediários, por sua vez, registraram queda de 10% no semestre (cacau em grão, trigo e borracha).

No acumulado do primeiro semestre, a Bahia registrou superávit comercial de US\$ 201,6 milhões, significativamente inferior ao US\$ 1,03 bilhão observado no mesmo período de 2025. A corrente de comércio atingiu US\$ 11,7 bilhões, 15,9% acima do registrado no primeiro semestre de 2025.

